

verso un assoluto, ultima metamorfosi dell'Amore e del suo regno senza fine [...], quello dell'epos immaginario di Pessoa procede da un enigma originale e finale, contemporaneo solo con l'eterno differimento di un desiderio senza altro oggetto che non sia l'assenza di desiderio. E poiché questa assenza è impraticabile, è insegueibile, tutta la pulsione positiva inerente il desiderio è trasferita da Pessoa sul piano della creazione poetica, unico luogo dell'eroicità moderna, faustiana o mallarmiana, la lotta dello spirito con se stesso". As claras e eficazes notas no fim do livro fornecem a informação básica sobre as figuras da história de Portugal retratadas na *Mensagem* que o leitor italiano, na maioria dos casos, muito provavelmente desconhece. A tradução, que prescinde da restituição da métrica e da rima, revela-se sempre cuidada e segura.

GIANLUCA MIRAGLIA

Fernando Pessoa, *Sul Portogallo*, a cura e traduzione di **Vincenzo Russo**, Parma, Ed. Diabasis, 2014, pp. 164.

A obra poética de Fernando Pessoa tem conhecido em Itália uma notável divulgação desde a antologia de

Luigi Panarese (1967) até às porventura mais conhecidas traduções de Antonio Tabucchi, Maria José de Lancastre, Giuseppe Tavani ou Piero Ceccuci, várias vezes reeditadas. Mas também os textos pessoanos em prosa, veiculadores do pensamento político ou filosófico do grande escritor, têm merecido a atenção dos estudiosos italianos, se considerarmos os volumes *Sritti di sociologia e teoria politica* (1994), *Politica e profetia. Appunti e frammenti 1910-1935* (1996), *Economia & Commercio. Impresa, monopolio, libertà* (2000, nuova versione riveduta 2011), todos organizados e comentados por Brunello De Cusatis, a que se deve acrescentar *Pagine esoteriche* (1997), organização de Silvino Peloso, *Saggi sulla lingua* (2006), com tradução de Simone Celani, *Sulla Tirannia* (2009), da responsabilidade de Roberto Mulinacci e que inclui textos sobre a actualidade política, e o volume aqui em apreço, *Sul Portogallo* (2014), com selecção e tradução de Vincenzo Russo e que reúne alguns textos e fragmentos em prosa nos quais Pessoa reflecte, discute, critica e teoriza sobre a identidade e a cultura portuguesas.

Vincenzo Russo dividiu os textos seleccionados em seis secções programáticas, de acordo com as

temáticas desenvolvidas pelo Autor, sendo inevitável que algumas se cruzem e por vezes se contraponham, de acordo com a época de escritura, que percorre o arco de tempo que vai de 1908 até 1932. A primeira parte constitui um dos primeiros textos – embora escrito em inglês e assinado por Alexander Search (pré-heterónimo de Pessoa) – em que emerge a vontade patriótica de melhorar a condição de Portugal. Este texto “diarístico” deve ser colocado – como evidencia Eduardo Lourenço – em relação com os escritos sobre *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada* e *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico*, ambos de 1912, aqui inseridos na quinta secção e que demonstram a preocupação do jovem Pessoa pela definição da identidade cultural portuguesa. A terceira parte, mais fragmentária, recolhe textos que deveriam fazer parte de um projecto intitulado precisamente *Introdução ao problema nacional*, enquanto a quarta, por sua vez, reúne *Reflexões sobre o provincianismo* e a questão da identidade portuguesa, não sem um certo gosto iconoclasta. Restam a segunda secção, *Crónicas da vida que passa*, textos breves todos de 1915; e finalmente

a sexta, preenchida com a primeira entrevista concedida por Fernando Pessoa, publicada na *Revista Portuguesa* em 1923, e que contempla, sobretudo, a arte e a literatura portuguesas. Trata-se, como se vê, duma amostra substancialmente válida sobre a evolução do pensamento pessoano em torno de questões que envolviam o “modo de ser português” e os projectos do Autor no sentido de transformar a mentalidade recorrente, aspecto que sempre equacionou criticamente ao longo da sua vida literária.

Como esclarece Vincenzo Russo, foram excluídos desta antologia os textos que, embora tratem temas e problemas aqui analisados, merecem ser publicados autonomamente, como «le pagine di sociologia politica, quelle strettamente relative al passaggio da Monarchia a Repubblica, i saggi sulla questione iberica, sull’atlantismo, sull’imperialismo, sul sebastianismo e sul Quinto Impero» (nota da p. XVII). E quanto à tradução, a versão italiana, ao mesmo tempo que respeita as virtualidades linguísticas do texto pessoano – e o tradutor utilizou edições portuguesas escrupulosas do ponto de vista textual –, exhibe um discurso fluido e susceptível de motivar o

leitor, o que atesta a sua capacidade tradutória, de resto já manifestada na transposição de textos poéticos (António Ramos Rosa), ensaísticos (Eduardo Lourenço, por exemplo), ou de ficção (Eça de Queiroz e Petpetela, entre outros). MANUEL G. SIMÕES

Antero de Quental, *Cause della decadenza dei popoli peninsulari negli ultimi tre secoli*, a cura di **Andrea Ragusa**, Postfazione di **Pablo Javier Pérez López**, Perugia, Edizioni dell'Urogallo, 2014.

A me pare che la prima edizione italiana delle *Causas* (1871) di Antero de Quental – sì, esattamente così, con la brevità di intitolazione con cui passano alla Storia i grandi testi classici del pensiero e della letteratura – possa considerarsi una piccola rivincita sul ritardo sempre ingiustificatamente lungo con cui il nostro sistema editoriale recepisce le cose portoghesi. Se proprio bisognava aspettare circa centocinquanta anni per leggere in italiano il programma-manifesto delle *Conferenze Democratiche* nonché il discorso-saggio fra i più celebri e implacabili dell'auto-interpretazione dell'identità culturale portoghese dell'800, l'edizione delle *Cause*

della decadenza dei popoli peninsulari negli ultimi tre secoli curata da Andrea Ragusa per le Edizioni dell'Urogallo non delude attese e aspettative. Organizzato con intelligenza teorica e puntualità filologica, il volumetto adempie alla doppia funzione di restituire un testo classico con una traduzione fruibile tanto allo specialista quanto al lettore comune e di ricomporre il suo contesto storico, politico, ideologico, e culturale *tout court*. Infatti, la struttura omogenea è visibile sin dalla cornice paratestuale incastonata da un'introduzione (seguita da una Bibliografia attiva e passiva e una Nota Biografica del vate delle *Odes Modernas*) e da una postfazione, firmate rispettivamente da Andrea Ragusa e da Pablo Javier Pérez López: i due testi, pur nella loro diversità ermeneutica, consentono al lettore italiano da un lato di ripercorrere la storia editoriale e, per così dire, performativa delle *Causas* (trattandosi appunto della prima conferenza tematica dopo quella inaugurale all'interno di un ciclo di *Conferenze*) e dall'altro di indugiare sulla storia delle idee e in particolare di quell'idea – a metà strada tra la dimensione politica e quella culturale – di Iberismo che fece breccia